

COISAS DA POLÍTICA

REGINA ZAPPA

JORNAL DO BRASIL

Não adianta imitar

É verdade, nem tudo são flores nestas terras tupiniquins. A inflação galopa, a crise social é profunda, a corrupção, apesar dos trancos, ainda mostra sua força e o futebol vai mal das pernas. Em compensação, o vôlei é o melhor do mundo, a democracia resiste vigorosamente a todas as intempéries, o país crescerá 4% este ano, o superávit comercial será superior a US\$ 16 bilhões, a safra agrícola promete ser recorde e o Betinho vai arrastando uma legião cada vez maior de brasileiros comprometidos com a solidariedade. País das contradições, o Brasil desafia as teorias, solta as amarras e caminha silenciosa, quase imperceptivelmente, para a construção de um modelo próprio. Os mais otimistas acreditam que ele está preparado para recuperar a auto-confiança perdida.

“O Brasil é um país viável”, afirmou semana passada o ministro Fernando Henrique. “Um país que tem um PIB de US\$ 450 bilhões é *salvável*, ele só está desorganizado”, disse ele. Mas, na opinião do conceituado cientista político mexicano Jorge Castañeda, essa *desorganização* é, por outro lado, uma tábua de salvação. Num artigo publicado na revista americana *Nesweek* na semana passada, Castañeda faz constatações sobre o Brasil capazes de surpreender os próprios brasileiros. Segundo ele, enquanto boa parte dos países latino-americanos fazia “o que todos diziam que deveria ser feito” — ou seja, abrir a economia ao comércio e ao investimento, promover a privatização das empresas estatais, se democratizar e “agir amistosamente em relação aos EUA” —, o Brasil, o “dorminhoco do hemisfério”, se preparava para crescer este ano mais que o México ou a Argentina.

Ele explica. Depois de algumas tinturas de crescimento nos países maiores — sobretudo México e Colômbia —, a região (com exceção do Chile) foi surpreendida por alguns fatores frustrantes. A recessão voltou a se instalar em alguns países, parte em consequência das tendências econômicas mundiais, parte por questões regionais. Nos países que experimentaram o crescimento, diz ele, como Argentina e Venezuela, este impulso veio acompanhado de uma ampliação dramática da distância entre pobres e ricos. A região descobriu também que, independente do que ela fizer, não conseguirá modificar facilmente o contexto internacional e certas realidades internas básicas. E que, por exemplo, a entrada de investimentos externos — atribuída às reformas econômicas — está, como indicam recentes estudos, menos ligada à adoção de uma política específica do que a fatores regionais. Esses fatores poderiam ser, como ele diz, “o resultado de uma conjunção de taxas de juros baixas nos países industrializados com margens de lucros altas nas bolsas da Cidade do

México, de Buenos Aires ou São Paulo”.

Essas tendências desanimadoras, de acordo com Castañeda, afetam também o Brasil. Só que o *dorminhoco* Brasil deve crescer 4% este ano, mais do que México e Argentina, que tiveram que esfriar suas economias devido a seus déficits comerciais. O do México chega a US\$ 20 bilhões — quase o equivalente ao superávit do Brasil, que deve ultrapassar a casa dos US\$ 16 bilhões. “O contraste entre o *desastre* brasileiro e os *exemplos* mexicano e argentino nunca foi tão aguçado.” Na sua opinião, com as crescentes dificuldades que o Nafta vem enfrentando, o Mercosul parece mais vantajoso do que nunca porque não depende das vicissitudes da política interna americana.

O que Castañeda argumenta é que o Brasil também executa as reformas pregadas lá fora. Só que num ritmo muito mais suave e gradual. E que são outros os fatores que explicam o investimento externo e a *performance* econômica — não apenas a harmonia com as tendências internacionais. O capital continua a investir no Brasil por causa do tamanho, dinamismo, potencial e riqueza do país. E, apesar de ressaltar que o Brasil não é nenhum modelo — há inflação crescente, falta de regras estáveis, injustiça social —, ele manda um recado: se outros países dependessem mais de sua própria força e menos dos “humores de Washington”, se surpreenderiam.

Na verdade, o que Castañeda está dizendo é que o Brasil segue suas próprias regras. E isso é bom. Como disse o economista Celso Furtado, citado em recente artigo do jornalista Roberto Pompeu de Toledo na revista *Veja*, o estilo de desenvolvimento que se verá daqui para frente no Primeiro Mundo não cria empregos e à medida que se queira fazer da integração internacional o motor do desenvolvimento no Brasil, vão ser criados problemas de desemprego. O Brasil não tem condições, como a Europa, de sustentar 30 milhões de desempregados com subsídios. “Nós precisamos de um projeto nacional”, conclui Furtado.

O ministro Fernando Henrique tem razão quando diz que o Brasil é *salvável*. *Salvável* porque tem 150 milhões de habitantes, algumas das reservas minerais mais ricas do mundo, um setor agrícola dos mais produtivos, como lembra Castañeda, dimensões fantásticas, características próprias e uma veia cultural marcante. Só falta organizar, como diz o ministro. E perceber que não existe um modelo no qual o Brasil tenha que ser enquadrado. Os otimistas acreditam que a recuperação da auto-estima, perdida com a degradação econômica e social do país, passa pela descoberta de um novo caminho. E é caminhando que se aprende a caminhar.